

“Fui o cara taxado de pessoa difícil e arrogante, por conta dessa coisa de falar e não entender qual o problema de falar.”

Daniel Zukko

O começo de tudo

Dois anos antes da pandemia, Daniel Zukko, 44, procurou ajuda psicológica e psiquiátrica para tratamento contra a depressão. Durante as sessões, um dos temas mais abordados era sua dificuldade em entender regras, em especial as de convivência social. Isso o incomodava e lhe deixava pensativo. Até que recebeu, de presente, o boneco de Sheldon, protagonista do seriado *The Big Bang Theory*, dado pela primeira psicóloga que conheceu.

O personagem, conhecido pela intelectualidade e humor inteligente, também é autista. “Ela me disse que eu era um pouco parecido com ele”, recorda Daniel. A partir desse momento, a semente foi plantada. Com isso, correu atrás para entender um pouco mais desse universo. Não demorou muito até que o diagnóstico de autismo aparecesse, vindo de outra especialista da área.

“Meu autismo é nível um de suporte com altas habilidades. Tive muitas dificuldades pra entender. Sou da década de 1980. Para quem cresceu nessa época, falava-se muito pouco disso. Todo mundo entendia que autista era rígido e muito agressivo, que ficava balançando, não se comunicava. Pouco se falava de outros níveis”, conta.

Durante quatro décadas, Daniel se moldou para caber. Resolveu se adaptar, costurando sua essência para não ser sempre o “esquisito” dos âmbitos sociais em que estava inserido. Contudo, quando o diagnóstico chegou, uma espécie de alívio veio junto. “Já vinha lendo sobre, pesquisando algumas coisas. Quando, na terapia, começamos a falar, pensei na possibilidade. Foi quase um: ‘Então é isso? Agora tudo faz sentido’. A partir do alívio, você entende tudo, as máscaras

sociais, até que ponto isso me esgotou socialmente e sensorialmente”, acrescenta.

Busca pela liberdade

Daniel passou a se conhecer um pouco melhor, conversar com as pessoas e pedir muitas desculpas por acontecimentos do passado. O diagnóstico tardio, talvez, tenha atrapalhado muita coisa, principalmente nas questões sociais. Algumas delas, inclusive, ele mesmo encarava como frescura, sobretudo na alimentação, porque tem problemas com as texturas de certos alimentos. Sempre foi taxado como o chato da comida, que não come isso ou aquilo e que não encosta a mão.

“Odeio passar creme, não gosto de hidratante, por conta do toque. Passei a entender meu cansaço constante da questão sensorial, tenho sensibilidade auditiva, sons diversos são quase que imediatos. Sou músico também. Dificultou, porque a gente vai chegando em pontos de estresse que são muito difíceis. Fui o cara taxado de pessoa difícil e arrogante, por conta dessa coisa de falar e não entender qual o problema de falar.”

Hoje, ele faz acompanhamento com psicólogo, em especial nos momentos de dificuldade. Gosta de ler muito, compreender as coisas e se autoconhecer. Além disso, tem alguns amigos próximos e familiares que o ajudam nesse processo. Daniel é, basicamente, autodidata em quase tudo o que faz. Toca instrumentos, desenha, faz charges, tem dois livros publicados, cria animações 3D, edita vídeos e ainda arruma tempo para ser fotógrafo. “Tenho facilidade com o que me interessa muito, incluindo idiomas”, finaliza.

CLASSIFICAÇÃO E TRATAMENTO

Para realizar o tratamento, há de se considerar a neuroplasticidade, ou seja, a capacidade do sistema nervoso de se adaptar e crescer. Segundo o psicólogo Rafael Alberto Moore, na criança, essa plasticidade é máxima. Por isso, intervenções precoces do autismo são as mais eficientes. No adulto, porém, ainda é possível um conjunto de adaptações, mas de outro tipo. Após a avaliação, ao se identificar as dificuldades específicas de cada pessoa, o tratamento foca em desenvolver habilidades de enfrentamento e adaptação às limitações existentes, à habilitação ou à reabilitação de funções cognitivas com algum prejuízo.

Mas, também, em aspectos emocionais, como autoestima, no estigma que pessoas com autismo sofrem ao longo da vida, na valorização das qualidades e em pertencimento, que, quando afetados, podem contribuir para transtornos de humor e ansiedade em comorbidade. De acordo com o especialista, o TEA é dividido em graus, seguindo o nível de suporte necessário para cada pessoa.

“No DSM-V (manual estatístico e diagnóstico de transtornos mentais), o autismo pode ser dividido em três níveis, sendo o nível um o de menor suporte, com relativa autonomia da pessoa, enquanto no nível três existe a necessidade de suporte substancial para a pessoa com autismo”, elenca.

Outra classificação importante é a dos comprometimentos associados ao autismo, que podem ser de linguagem e de intelecto. O autismo não implica prejuízo de linguagem ou de intelecto, mas em muitos casos, esses comprometimentos podem ser percebidos.

“No CID-11, classificação internacional de doenças segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o autismo já é classificado segundo a presença ou a ausência de prejuízos de linguagem funcional e intelectual, indo de transtorno do espectro autista sem comprometimento de linguagem e intelecto, até o transtorno do espectro autista com transtorno de desenvolvimento intelectual e ausência de linguagem funcional”.